

A MÃE COMO MEDIADORA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL E DAS CONDIÇÕES DE SAÚDE DE CRIANÇAS DE RISCO.

Justificativa: Especialmente frente a crianças nascidas de risco, sejam elas de risco biológico (prematuridade, anomalias congênitas, doenças), ambiental (lares desfeitos, pais alcoolistas, com distúrbios mentais) ou mesmo em condição de desvantagem social (situação de pobreza), a capacidade materna de cuidar adequadamente da criança e de otimizar os recursos disponíveis parece amenizar o impacto de uma situação desfavorável. Durante os períodos de maior vulnerabilidade da criança, como nos primeiros anos de vida, na vigência de uma doença ou quando a família está passando por uma crise financeira, esse cuidado é fundamental e, se caracteriza como um fator de proteção à saúde e desenvolvimento da criança, que ameniza o efeito de fatores adversos. Entretanto, quando a mãe falha em prover proteção e estímulo adequados, as chances de prejuízos no desenvolvimento neurobiológico e psicológico aumentam significativamente, com repercussões a médio e longo prazo. Na literatura, encontram-se várias pesquisas mostrando que a adequação da mãe como cuidadora tem estreita relação com o nível socioeconômico, instrução, tamanho da prole, sua carga de trabalho, estado físico, estabilidade familiar, assim como com a possibilidade de contar com a ajuda da família e da comunidade nos momentos de crise. Estudos mais recentes tem focado sua atenção em outro tipo de variáveis maternas: suas crenças e valores, sua saúde mental, estratégias de enfrentamento para lidar com as situações problema e sobrecarga emocional, mas os resultados ainda são inconclusivos. Se em alguns estudos o sofrimento psíquico materno foi um fator de risco em potencial para o desenvolvimento da criança, em outros, apesar da mãe apresentar sintomas de *stress*, ansiedade e depressão, elas continuaram a cuidar e estimular adequadamente as crianças, apresentando estratégias de enfrentamento positivas. Neste simpósio, pesquisadores que trabalham com pesquisas no contexto das crianças de risco, baseadas em estudos recentes, entenderam ser importante debater o papel do impacto emocional das mães no desenvolvimento e saúde das crianças, tendo em vista o planejamento de medidas preventivas e de intervenção que possibilitem suporte psicológico às mães, a fim de preservar sua saúde mental e para que possam exercer sua função de cuidadora a contento. Para tanto, a Profa Dra Gimol Benzaquen Perosa apresentará dados de pesquisas que reforçam o efeito protetor da escolaridade e apoio social para o desenvolvimento de crianças prematuras, com doenças crônicas e moradoras em áreas de risco e se deterá no papel do locus de controle para prevenção de cáries em pré-escolares. A Profa Dra Kely Maria Pereira de Paula apresentará dados que mostram que, apesar dos sintomas de *stress*, ansiedade e depressão de mães de crianças com malformações na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), para se ajustar à situação, elas utilizavam, prioritariamente, estratégias de enfrentamento dirigidas ao problema e regulação das emoções. Finalmente a Profa Dra Ana Cristina Barros da Cunha, após identificar a sobrecarga emocional de mães de crianças com malformações internadas na UTIN como fator de risco para o desenvolvimento, propõe um programa de intervenção, bem avaliado pelas mães. Pretende-se discutir de forma integrada as contribuições dos estudos para o avanço das investigações e aplicações na área de desenvolvimento e saúde de crianças em situação de risco, assim como as possibilidades de suporte familiar e outros tipos de intervenção.

SAÚDE - Psicologia da Saúde

VARIÁVEIS MATERNAS ASSOCIADAS À PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO E PREVENÇÃO DE DOENÇAS: O LÓCUS DE CONTROLE. *Gimol Benzaquen Perosa; Vinicius Humberto Nunes**; Juliana Aparecida Martini **; Débora Gerardo Ribeiro** (Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva- Faculdade de Medicina de Botucatu - UNESP, SP)*

Pesquisas desenvolvidas nos últimos anos ressaltam a importância da relação criança/cuidador como possível fator de proteção para o desenvolvimento e prevenção de doenças. Especialmente frente a crianças de risco, a mãe é vista como uma variável proximal de mediação, que pode estabelecer vínculos afetivos e estimular adequadamente a criança, influenciando significativamente o curso do desenvolvimento cognitivo, da linguagem e socialização. Por outro lado, sua observação atenta sobre o estado da criança e o uso adequado dos serviços de saúde se mostraram preditores de melhor saúde infantil. A literatura tem identificado a idade, escolaridade, renda materna e grupo de apoio como possíveis fatores de proteção para o desenvolvimento. Estudos recentes vêm pesquisando outras variáveis como saúde mental e sistema de crenças parentais, em especial o locus de controle de doenças, como possíveis fatores de prevenção e proteção para doenças crônicas. O locus de controle seria um indicador da percepção pessoal sobre quem ou o quê controla a determinação de eventos na vida. Pode ser: a) interno, quando o indivíduo acredita que suas ações determinam seu estado de saúde/doença; b) externo, quando se atribui a outros a causa das doenças ou c) se acredita que as doenças são obras do acaso, sorte, de Deus. Neste simpósio, pretende-se, em primeiro lugar, apresentar resultados de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Desenvolvimento da FMB-UNESP, com crianças de risco: prematuras, com doenças crônicas e com risco psicossocial, em que a escolaridade materna, trabalhar fora e ter grupo de apoio se mostraram como fatores de proteção ao desenvolvimento. Em um segundo momento, será apresentada pesquisa que teve por objetivo identificar o papel do locus de controle materno como fator de proteção para o desenvolvimento de cáries dentárias, em pré-escolares. Para tanto, mães de 426 crianças com 5 anos de Avaré-SP responderam a um instrumento que avalia locus de controle em relação à sua saúde assim como à do filho e informaram sobre características sociodemográficas. Avaliou-se a prevalência de cárie das crianças, por meio do índice ceo-d. Os dados receberam tratamento estatístico e os resultados discutidos ao nível de 5% de significância. O índice de cáries foi alto, apenas 47,65% dos pré-escolares estavam livres de cárie; 43,36% das mães haviam cursado até o segundo grau, mas a renda familiar era baixa, com 60% das famílias ganhando até 2 salários mínimos. Houve relação significativa entre o índice de cárie, renda e escolaridade materna. Em relação ao locus de controle da sua própria saúde, as mães acreditavam mais na internalidade, mas, a crença predominante com relação à saúde dos filhos era que outros controlavam a saúde deles, incluindo a própria criança. Pais que atribuíam o aparecimento de cárie às suas ações (internalidade) tiveram, significativamente, mais filhos sem cárie. Na regressão logística a escolaridade materna e locus de controle interno mostraram-se fatores de proteção da cárie infantil. Os resultados mostram que foi possível identificar fatores que atuaram como mecanismos de proteção para neutralizar os efeitos negativos dos riscos em potencial. Reforçam, também, a necessidade de trabalhar com crenças parentais nos programas preventivos.

Apoio financeiro: CAPES (2009-2011)

Palavras chave: fatores de proteção; locus de controle; crianças de risco

Pesquisador - P

SAÚDE - Psicologia da Saúde

INTERVENÇÃO PRECOCE NO HOSPITAL: INDICADORES EMOCIONAIS MATERNOS E PROTEÇÃO AO DESENVOLVIMENTO INFANTIL. Kely Maria Pereira de Paula (Professora do Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES); Schwanny Roberta Costa Rambalducci Mofati Vicente** (Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES); Camila Nasser Mancini* (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES); Sarah de Almeida Muniz* (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES); Cláudia Paresqui Roseiro (Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES)

No curso do desenvolvimento, a criança influencia e recebe influências do meio, principalmente daqueles que com ela estabelecem as primeiras interações. Quando nasce com alguma malformação, o impacto do diagnóstico poderá produzir mudanças significativas na dinâmica familiar, definindo as trocas iniciais. Padrões emocionais maternos são alterados diante da prematuridade ou doença, podendo se configurar em risco ao desenvolvimento infantil, dependendo de fatores emocionais, bem como da forma como pais enfrentam a nova situação. Diante desse quadro de múltiplo risco, são necessárias intervenções preventivas que incidam sobre os recursos potenciais da criança (avaliação do desenvolvimento) e do ambiente (políticas de Humanização, programas familiares e capacitação da equipe), diminuindo seus efeitos adversos. Nesse enfoque, estudos foram conduzidos pelo grupo de Pesquisa em Psicologia Pediátrica/UFES. Pesquisa realizada em hospital público, no ES, avaliou com escalas específicas indicadores de desenvolvimento de 13 crianças (3m-7anos) em condição de vulnerabilidade: prematuridade, deficiência, doenças (aguda ou crônica) e/ou hospitalização. Tal avaliação forneceu subsídios ao programa de intervenção parental aplicado para estimulação infantil nas áreas de desenvolvimento defasadas. Indicadores maternos do enfrentamento (coping) foram avaliados. A amostra (n=9) adotou mais frequentemente estratégias de busca de suporte social e focalização no problema, com menor uso de focalização na emoção. Estratégias mais adaptativas foram adotadas no enfrentamento da condição e hospitalização da criança, favorecendo a adesão ao programa individualizado de intervenção. Ampliando a análise de variáveis maternas diante de estressores semelhantes, uma segunda pesquisa foi realizada em três hospitais públicos do mesmo estado, com 25 mães de bebês internados em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), com Anomalia Congênita (AC), analisando níveis de stress, ansiedade e depressão associados ao coping, mediante questionário sociodemográfico, escalas padronizadas (ISSL, BAI e BDI) e entrevista sobre o enfrentamento. A maioria (n=21) apresentou sintomas de stress: resistência (n=12); quase exaustão (n=6); e exaustão (n=3). A maior parte variou dos níveis mínimo/leve de ansiedade (n=6) a moderado (n=8); cinco mães apresentaram sintomas graves. A escala de depressão indicou sintomas leve/moderados (n=7) ou reduzidos (n=8); mas três com sintomas severos. Quanto ao perfil de enfrentamento, adotando-se a perspectiva motivacional do coping, as mães (n=16) utilizaram mais estratégias adaptativas positivas quando comparadas às negativas; algumas (n=8) utilizaram igualmente os dois grupos de enfrentamento; somente uma com predomínio de estratégias negativas. O impacto emocional do diagnóstico de AC e internação do bebê na UTIN se refletiu nos indicadores maternos, todavia, de modo geral, houve mais estratégias dirigidas ao problema, com regulação emocional, sendo busca de suporte social (incluindo bem-estar advindo de

atividades religiosas) uma estratégia bem destacada. Discute-se a relevância de intervenções dirigidas a populações de risco. Ao longo da trajetória desenvolvimental, após a alta hospitalar, novos desafios incidirão na família. Programas de intervenção precoce, nesse contexto, devem, além da avaliação e estimulação de habilidades da criança, focalizar os cuidadores de forma contínua, pois se constituem em importantes fatores protetivos ao desenvolvimento. Ainda, devem oferecer recursos para reduzir os efeitos deletérios das emoções negativas, prevenindo estados de exaustão física e emocional, e adoção de estratégias mais adaptativas no enfrentamento de estressores de elevada magnitude.

Apoio financeiro: CAPES (2011-2013); PIBIC/FAPES (2012-2013); PIBIC/FACITEC (2005-2006)

Palavras chave: fatores de risco; desenvolvimento infantil; prevenção

Pesquisador - P

SAÚDE - Psicologia da Saúde

VIGILÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL EM CONDIÇÃO DE VULNERABILIDADE E POSSIBILIDADES DE AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO PSICOLÓGICAS.

Ana Cristina Barros da Cunha (Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, IP/UFRJ / Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Perinatal – PRIM; Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde - LEPIDS, Maternidade-Escola - ME/UFRJ); *Solange Frid Patrício* (LEPIDS/ME/UFRJ); *Suzy Anne Lopes**; *Maria Cecilia Monsanto**; *Vivian Alves**; *Gabriela Serpa** (IP/UFRJ)

Condições de vulnerabilidade ao nascimento comprometem o desenvolvimento infantil físico e psicológico, assim como a dinâmica familiar que, por vezes, se desorganiza a ponto de resultar em fator de risco psicossocial. Dentre tais condições destacam-se a prematuridade e as malformações congênitas, quando os bebês nascem biologicamente mais vulneráveis sendo mais sujeitos a riscos desenvolvimentais. A percepção familiar dessa condição pode gerar sobrecarga emocional e interferir no funcionamento materno/paterno, sugerindo a adoção de medidas de intervenção para prevenção aos riscos. Recomendado pela OMS, o ambulatório de *follow-up* é um serviço de atenção e intervenção precoces, onde é realizado atendimento multiprofissional, com a preocupação de verificar e promover o desenvolvimento infantil e o vínculo afetivo mãe-bebê. Nesse tipo de atendimento, o psicólogo pode auxiliar a equipe de saúde a compreender aspectos cognitivos, comportamentais e sócio-afetivos infantis e facilitar o reconhecimento dos pais de seus recursos para enfrentar e se adaptar às exigências decorrentes da condição de vulnerabilidade da criança, favorecendo, assim, o vínculo pais-filho. Nessa perspectiva, o presente trabalho apresenta dados de pesquisa em que, em primeiro lugar, foi feita uma avaliação e, posteriormente, intervenção, com famílias de crianças nascidas prematuras e com malformações congênitas, atendidas no ambulatório de *follow up* da Maternidade-escola da UFRJ, especificamente com objetivo de estudar o impacto da sobrecarga emocional e sua relação com as estratégias de enfrentamento maternas, além de propor intervenção para minimizar riscos desenvolvimentais. Para a avaliação usaram-se o Burden Interview, que avalia a sobrecarga emocional no cuidador; e a Escala EMEP, Escala Modos de Enfretamento de Problemas, que avalia estratégias de enfrentamento (EE) em contextos de saúde. A intervenção, baseada no programa de intervenção precoce MISC, More Intelligent Sensitive Child, objetivou propiciar um espaço de troca de experiências, aquisição de conhecimentos sobre prematuridade/malformação congênita e promoção do desenvolvimento infantil. Durante 6 meses, participaram 15 mães cuja idade média era 28 anos, sendo 9 mães de prematuros e 6 de crianças com malformações. Em geral, as participantes eram casadas/união estável (n=10), trabalhavam fora (n=11) e contavam com suporte familiar (n=12). Todas declararam ter religião, sendo 9 católicas, uma espírita e as demais evangélicas, a maioria praticante. Pela EMEP, identificaram-se dois tipos principais de EE: a) “focado na prática religiosa”(08); e b) “focado no problema”(04). Pelo Burden Interview, as mães percebiam a condição do filho como tendo pouca ou nenhuma sobrecarga (prematuros) ou com sobrecarga leve a moderada (malformação congênita). Diante destes resultados, observou-se que a malformação, mais que a prematuridade, é percebida como sobrecarga para cuidadores, possivelmente pela condição mais limitante que impõe. No entanto, em ambas as condições, os cuidadores escolheram EE focadas na prática religiosa, quer seja porque o exercício da religião já era rotina individual, quer seja porque a fé e o suporte religioso foram fundamentais no manejo dessa situação. Relativos à intervenção, todas declararam como importante esta etapa por ter contribuído para uma melhor compreensão acerca do problema do filho. Discutem-se a intervenção psicológica,

assim como os recursos de enfrentamento maternos como mecanismos de proteção ao desenvolvimento infantil.

Apoio financeiro: FAPERJ (auxílio à pesquisa; bolsa de treinamento técnico científico e iniciação científica); CNPq (bolsa de produtividade);

Palavras chave: fatores de risco; desenvolvimento infantil; prevenção

Pesquisador - P

SAÚDE - Psicologia da Saúde